

APRENDER PSICOLOGIA NA ERA DIGITAL: Novos Olhares Pedagógicos

Michele Frohlich Marquetto¹

Elisabete Cerutti²

Resumo: O ensino de Psicologia, diante das transformações tecnológicas e sociais do século XXI, exige a reconfiguração das práticas pedagógicas para responder às novas demandas educacionais. Este estudo, fundamentado nas concepções de Paulo Freire e nas reflexões de Francisco Imbernón (2016), tem como objetivo analisar o papel da inovação pedagógica e das tecnologias digitais no Ensino Superior. A pesquisa é qualitativa, de natureza exploratória, realizada por meio de revisão bibliográfica em obras e artigos que discutem educação, inovação e recursos digitais aplicados ao ensino de Psicologia. Os resultados da revisão apontam que a inovação educacional vai além da simples inserção de tecnologias, demandando a transformação do processo de ensino-aprendizagem em uma prática interativa, reflexiva e centrada no estudante. Identificou-se que metodologias ativas, como aprendizagem baseada em problemas, estudos de caso e simulações virtuais, favorecem o protagonismo discente e a construção colaborativa do conhecimento, em consonância com a perspectiva sociointeracionista. Os estudos também destacam que a utilização planejada e significativa das tecnologias digitais contribui para ambientes de aprendizagem mais inclusivos, personalizados e acessíveis, fortalecendo a democratização do saber. Conclui-se que a integração entre inovação pedagógica e recursos digitais potencializa a formação de profissionais mais críticos, autônomos e preparados para os desafios contemporâneos, contribuindo para um Ensino Superior em Psicologia mais efetivo, equitativo e transformador.

Palavras-chave: Tecnologia Digital. Psicologia. Metodologia De/Do Ensino.

LEARNING PSYCHOLOGY IN THE DIGITAL AGE: New Pedagogical Perspectives

Abstract: The teaching of Psychology, in the face of the technological and social transformations of the 21st century, requires the reconfiguration of pedagogical practices to respond to new educational demands. This study, grounded in the conceptions of Paulo Freire and the reflections of Francisco Imbernón (2016), aims to analyze the role of pedagogical innovation and digital technologies in Higher Education. The research is qualitative, exploratory in nature, and conducted through a bibliographic review of works and articles that discuss education, innovation, and digital resources applied to the teaching of Psychology. The results of the review indicate that educational innovation goes beyond the mere insertion of technologies, requiring the transformation of the teaching-learning process into an interactive, reflective, and student-centered practice. It was found that active methodologies, such as problem-based learning, case studies, and virtual simulations, foster student protagonism and collaborative knowledge construction, in line with the socio-interactionist perspective. The studies also highlight that the planned and meaningful use of digital technologies contributes to more inclusive,

¹ Psicóloga, Gestora de Recursos Humanos da Concessionária Jorge Santos, Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Região da Campanha URCAMP. Especialista em Psicologia Organizacional pela FADERGS e Gestão do Comportamento e da Interatividade nas Organizações pela UNICESUMAR. Mestre em Educação PPGEDU pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI/FW. michelemarquetto@urcamp.edu.br.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Mestre pela Universidade Federal de Pelotas. Membro do Conselho do Câmpus e do Conselho Universitário da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões Campus FW e Professora titular desta, atuando na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEDU. Membro dos Grupos de Pesquisas: ARGOS/ PUC RS. Atua como Diretora Geral da URI - Campus Frederico Westphalen. beticerutti@uri.edu.br.

personalized, and accessible learning environments, strengthening the democratization of knowledge. It is concluded that the integration of innovative pedagogical practices and digital resources enhances the training of more critical, autonomous professionals who are better prepared to face contemporary challenges, contributing to a more effective, equitable, and transformative Higher Education in Psychology.

Keywords: Digital Technology. Psychology. Teaching Methodology.

APRENDER PSICOLOGÍA EN LA ERA DIGITAL: Nuevas Miradas Pedagógica

Resumen: La enseñanza de la Psicología, ante las transformaciones tecnológicas y sociales del siglo XXI, exige la reconfiguración de las prácticas pedagógicas para responder a las nuevas demandas educativas. Este estudio, fundamentado en las concepciones de Paulo Freire y en las reflexiones de Francisco Imbernón (2016), tiene como objetivo analizar el papel de la innovación pedagógica y de las tecnologías digitales en la Educación Superior. La investigación es de carácter cualitativo, de naturaleza exploratoria, realizada a través de una revisión bibliográfica en obras y artículos que discuten la educación, la innovación y los recursos digitales aplicados a la enseñanza de la Psicología. Los resultados de la revisión señalan que la innovación educativa va más allá de la mera incorporación de tecnologías, requiriendo la transformación del proceso de enseñanza-aprendizaje en una práctica interactiva, reflexiva y centrada en el estudiante. Se identificó que las metodologías activas, como el aprendizaje basado en problemas, los estudios de caso y las simulaciones virtuales, favorecen el protagonismo estudiantil y la construcción colaborativa del conocimiento, en consonancia con la perspectiva sociointeraccionista. Asimismo, los estudios destacan que el uso planificado y significativo de las tecnologías digitales contribuye a entornos de aprendizaje más inclusivos, personalizados y accesibles, fortaleciendo la democratización del saber. Se concluye que la integración entre innovación pedagógica y recursos digitales potencia la formación de profesionales más críticos, autónomos y preparados para los desafíos contemporáneos, contribuyendo a una Educación Superior en Psicología más efectiva, equitativa y transformadora.

Palabras clave: Tecnología Digital. Psicología. Metodología de la Enseñanza.

Introdução

A educação contemporânea enfrenta o desafio permanente de acompanhar as rápidas transformações tecnológicas, culturais e sociais que caracterizam o Século XXI. Nesse contexto, a inovação educacional assume papel central no processo de ensino e aprendizagem. Conforme aponta Imbernón (2016), inovar não se limita à incorporação de ferramentas digitais, mas implica a reestruturação das práticas pedagógicas, de modo a tornar o ensino mais dinâmico, significativo e conectado às necessidades dos estudantes. No campo da Psicologia, essa renovação se mostra ainda mais relevante, uma vez que a formação de profissionais críticos, éticos e reflexivos exige metodologias que promovam autonomia, participação ativa e construção colaborativa do conhecimento.

A convergência entre inovação pedagógica e tecnologias digitais constitui um vetor estratégico para o ensino em Psicologia. Metodologias ativas, como aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida e gamificação, possibilitam processos formativos mais interativos e contextualizados, enquanto recursos digitais — a exemplo de plataformas virtuais, simulações interativas e inteligência artificial — ampliam o engajamento discente e a aplicabilidade prática dos conteúdos. Além disso, a flexibilidade inerente às tecnologias educacionais favorece a personalização do aprendizado, fortalece o protagonismo dos estudantes e contribui para a democratização do saber.

A efetiva integração desses recursos, entretanto, demanda planejamento crítico e docentes devidamente preparados para exercer o papel de mediadores. Nesse sentido, cabe ao professor realizar a curadoria de conteúdos e utilizar as tecnologias como instrumentos articuladores do processo educativo, superando a lógica de meros complementos ao ensino tradicional. Essa mudança de perspectiva implica a valorização de práticas pedagógicas que estimulem ambientes colaborativos e promovam competências essenciais ao exercício profissional em Psicologia, como pensamento crítico, criatividade e resolução de problemas.

Diante desse cenário, o presente estudo delimita como objeto de investigação o ensino de Psicologia no ensino superior, enfatizando a relação entre inovação pedagógica, metodologias ativas e tecnologias digitais. O objetivo central consiste em analisar de que maneira a articulação desses elementos pode potencializar o processo formativo, de modo a torná-lo mais crítico, participativo e alinhado às demandas contemporâneas da profissão e da sociedade. Adicionalmente, busca-se identificar os principais desafios e possibilidades decorrentes dessa integração, com destaque para a necessidade de formação continuada de docentes, adaptação curricular e adoção de estratégias que assegurem não apenas eficácia didática, mas também a humanização das práticas educativas. Pretende-se, assim, contribuir para a reflexão acadêmica e prática sobre o papel da inovação pedagógica como caminho para uma educação superior em Psicologia mais inclusiva, ética e transformadora.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo de caráter exploratório, desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica sistematizada. O objetivo central foi analisar

a inovação pedagógica no Ensino de Psicologia, com foco na integração de metodologias ativas e tecnologias digitais, considerando tanto suas potencialidades quanto seus desafios. Para cumprir esse objetivo, a metodologia foi organizada em três etapas principais: (1) levantamento e seleção das referências teóricas, (2) sistematização e análise do conteúdo, e (3) estruturação dos eixos temáticos que orientaram a discussão.

O processo inicial consistiu na identificação de obras e artigos acadêmicos de relevância para o campo da inovação pedagógica e do ensino de Psicologia. Foram selecionadas referências clássicas, como Carbonell (2002), Imbernón (2016) e Freire (2013), no campo da formação de professores, bem como, autores contemporâneos que abordam o impacto das tecnologias digitais e das metodologias ativas na formação universitária, como Christensen (2013), Bacich, Tanzi e Trevisani (2015), além de estudos aplicados (Blasius, 2021). O levantamento incluiu bases científicas (SciELO, Google Scholar, CAPES Periódicos), livros especializados e relatórios institucionais, contemplando produções nacionais e internacionais. A seleção dos textos levou em consideração critérios de pertinência, atualidade, consistência metodológica e relevância para o campo educacional e psicológico.

Após a coleta das fontes, procedeu-se à leitura exploratória e, em seguida, à leitura analítica, que permitiu a categorização dos conteúdos em eixos temáticos. Esse processo seguiu uma lógica comparativa, confrontando diferentes perspectivas teóricas e evidências empíricas. Além disso, foram utilizadas tabelas de síntese (como as apresentadas nas seções “Da Teoria à Prática” e “Inovação na Avaliação”) para organizar as ideias centrais dos autores e indicar possíveis aplicações práticas no ensino de Psicologia. Essa etapa garantiu maior clareza e objetividade na sistematização, possibilitando a articulação entre teoria e prática.

A análise resultou na definição de três grandes eixos que nortearam a discussão do artigo:

Eixo 1 – Desvendando a Inovação Pedagógica: no Ensino Superior, a necessidade de inovação torna-se ainda mais evidente. Christensen e Eyring (2013) sustentam que as instituições devem adotar modelos pedagógicos que privilegiem a personalização, a acessibilidade e a flexibilidade. Complementarmente, Moran (2015) ressalta que as metodologias ativas permitem que os alunos aprendam em seu próprio ritmo e de forma colaborativa, utilizando as tecnologias não como fim, mas como meios para ampliar o

engajamento e a profundidade da aprendizagem.

Eixo 2 – Ensino de Psicologia na Era Digital: a integração de tecnologias digitais deve estar ancorada em fundamentos pedagógicos sólidos. Enquanto a perspectiva sociointeracionista foca na mediação, a fundamentação em Freire (1987) na obra *Pedagogia do Oprimido* reforça a necessidade de uma educação que promova a superação da passividade discente, transformando o ato de aprender em um exercício de libertação e consciência crítica.;

Eixo 3 – Metodologias Ativas para o Ensino de Psicologia: a teoria sociocultural de Lev Vygotsky oferece suporte para compreender a eficácia dessas práticas. Além dos processos de pensamento e linguagem, a obra de Vygotsky (1998) destaca o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, evidenciando como a interação social e a cultura moldam as funções cognitivas complexas necessárias ao futuro psicólogo.

À luz de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, este artigo realiza uma revisão bibliográfica organizada em três eixos fundamentais: (1) os fundamentos da inovação pedagógica; (2) os impactos da era digital no ensino de Psicologia; e (3) o papel das metodologias ativas no processo formativo. A articulação desses eixos visa evidenciar como a inovação pode enfrentar os desafios contemporâneos e contribuir para a consolidação de uma formação universitária crítica e socialmente comprometida.

Cada eixo foi discutido em subseções, articulando referenciais teóricos, exemplos de aplicação e desafios identificados pela literatura.

Sistematização e Análise

Após a coleta das fontes, procedeu-se à leitura exploratória e, em seguida, à leitura analítica, que permitiu a categorização dos conteúdos em eixos temáticos. Esse processo seguiu uma lógica comparativa, confrontando diferentes perspectivas teóricas e evidências empíricas. Isso posto, elencamos os principais conceitos, baseados nas palavras chave e a partir de então, iniciamos a análise dos mesmos.

Além disso, foram utilizadas tabelas de síntese (como as apresentadas nas seções “Da Teoria à Prática” e “Inovação na Avaliação”) para organizar as ideias centrais dos autores e indicar possíveis aplicações práticas no ensino de Psicologia. Essa etapa garantiu maior clareza e objetividade na sistematização, possibilitando a articulação entre teoria e prática.

Desvendando a Inovação Pedagógica

As rápidas transformações sociais e tecnológicas da atualidade desafiam a educação a se reinventar continuamente, preparando estudantes para enfrentar um futuro instável e em constante mudança. Nesse cenário, Francisco Imbernón (2016), em *A Inovação Educacional no Ensino do Futuro*, destaca que inovar não se limita à adoção de ferramentas digitais, mas implica a realização de mudanças estruturais, conscientes e planejadas nas práticas pedagógicas. Tais mudanças devem promover maior significado, adaptabilidade e sintonia com as exigências de uma sociedade em transformação, tornando a inovação pedagógica um elemento essencial para repensar os processos de ensino e aprendizagem.

Mas o que caracteriza, de fato, a inovação pedagógica? Para Carbonell (2002), inovar não significa apenas atualizar práticas já existentes, mas realizar transformações intencionais capazes de romper com modelos tradicionais e instaurar abordagens centradas na autonomia discente, na personalização da aprendizagem e na construção coletiva do conhecimento. Essa perspectiva requer metodologias que respeitem os diferentes ritmos e contextos dos estudantes, incentivem o pensamento crítico e fortaleçam a aprendizagem significativa, deslocando o foco da transmissão de conteúdos para a formação integral do sujeito.

No Ensino Superior, a necessidade de inovação torna-se ainda mais evidente. Bacich, Tanzi e Trevisani (2015) sustentam-se em Christensen (2013), na obra sobre *Universidade Inovadora*, argumentando que as instituições devem adotar modelos pedagógicos que privilegiem a personalização, a acessibilidade e a flexibilidade. No campo da Psicologia, a integração entre metodologias ativas e tecnologias digitais desponta como estratégia promissora para enriquecer a experiência acadêmica, tornando o processo formativo mais dinâmico, contextualizado e conectado às demandas profissionais. Abordagens como aprendizagem baseada em problemas, projetos interdisciplinares, estudos de caso, bem como o uso de plataformas digitais, realidade virtual e simulações interativas, favorecem tanto a imersão quanto a aplicação prática do conhecimento.

Entretanto, a inovação pedagógica não pode ser compreendida como um processo meramente técnico ou instrumental. Ela envolve dimensões culturais, institucionais e humanas que exigem a resignificação das práticas educativas e a revisão das formas de relação entre professores, estudantes e saberes. Isso significa repensar o papel das instituições de ensino

como espaços de produção de conhecimento e transformação social, capazes de formar profissionais aptos a lidar com as complexidades contemporâneas.

Além disso, é fundamental reconhecer que a inovação pedagógica demanda políticas institucionais consistentes e investimentos em formação continuada de professores. Sem o suporte de uma gestão comprometida, de infraestrutura adequada e de programas de desenvolvimento docente, corre-se o risco de reduzir a inovação a práticas pontuais e superficiais. Nesse sentido, o desafio não se limita a inserir novas ferramentas ou metodologias, mas a consolidar uma cultura educacional aberta à experimentação, à interdisciplinaridade e à construção de aprendizagens críticas, éticas e socialmente relevantes.

Destacamos que a partir de cada referência, traremos a ideia central, em síntese, dos autores e a na última coluna, exploramos intenções educativas com ou sem o uso de tecnologias digitais. Entendemos que inovação vai muito além de artefatos digitais e que aqui, propomos algumas plataformas com o intuito de ilustrar que sua utilização parte do princípio de uma ambiência do aluno. Temos consciência que o conceito vai muito além dos aspectos práticos, uma vez que envolve a concepção estruturante das Instituições de Ensino Superior.

A tabela 1 apresenta uma síntese da aplicação prática da inovação pedagógica no Ensino Superior de Psicologia, articulando a teoria e a prática. A partir de cada referência, traremos a ideia central dos autores e, na última coluna, exploramos intenções educativas com ou sem o uso de tecnologias digitais. Ressalta-se que a inovação transcende os artefatos digitais, partindo do princípio de uma ambiência focada no aluno e envolvendo a concepção estruturante das Instituições de Ensino Superior.

Tabela 1 – Da Teoria à Prática – Aplicação da Inovação Pedagógica no Ensino Superior

Referência	Ideia Central	Como Aplicar em Aula (Ensino Superior – Psicologia)
Christensen (2013) – Universidade Inovadora	Defende a personalização, acessibilidade e flexibilidade nas instituições de ensino. Parte do princípio de estratégias inovadoras, o que vai além das metodologias inovadoras.	- Aulas híbridas e flexíveis com conteúdos síncronos e assíncronos (plataformas como Moodle ou Google Classroom); - Avaliações adaptativas (Kahoot, Socrative); - Planos de aprendizagem personalizados com metas por competências.
Metodologias Ativas + Tecnologias Digitais	Favorecem um ensino mais dinâmico, contextualizado e alinhado com o mercado de trabalho.	- Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) com estudos clínicos reais; - Projetos interdisciplinares envolvendo áreas como neuropsicologia, educação e saúde pública; - Simulações com realidade virtual (ex: atendimentos psicológicos simulados); - Debates mediados por fóruns online com feedback colaborativo.
Slaughter & Leslie (1997) / Clark (1998)	A inovação institucional depende de ambientes que incentivem experimentação e adaptação, inclusive, com o olhar para além do aspecto didático, uma vez que a inovação poderá gerar sustentabilidade financeira para as Instituições.	- Espaços maker e laboratórios experimentais para desenvolver projetos com liberdade criativa; - Encontros docentes interdisciplinares para co-construção de currículos; - Feedback institucional contínuo com participação discente na avaliação dos cursos.
Clark (1998) – 5 Dimensões da Universidade Inovadora	Propõe cinco pilares: currículo flexível, unidades transversais, fontes diversas de financiamento, espírito inovador e cultura aberta.	- Currículo modular com disciplinas optativas alinhadas a interesses dos estudantes; - Criação de núcleos integrados (ex: Núcleo de Inovação Psicopedagógica); - Parcerias com ONGs e clínicas para estágio e pesquisa com financiamento colaborativo; - Eventos de inovação com participação ativa dos alunos (hackathons, bootcamps educacionais).
Etzkowitz (2004) – Trílice Hélice	A inovação é impulsionada pela cooperação entre universidade, setor produtivo e governo.	- Convênios com empresas de saúde mental e startups de tecnologia educacional; - Projetos de extensão comunitária com apoio governamental; - Feiras de inovação com foco em impacto social e desenvolvimento psicológico regional.

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2025)

A cultura institucional exerce papel decisivo na promoção da inovação. Slaughter e Leslie (1997) e Clark (1998) ressaltam que universidades inovadoras são aquelas que cultivam ambientes favoráveis à experimentação e à adaptação frente às novas realidades educacionais. Clark identifica cinco dimensões estruturantes da universidade inovadora: flexibilidade curricular, criação de unidades organizacionais transversais, diversificação das fontes de financiamento, estímulo ao espírito inovador, inserção de escritórios de transferência de tecnologia e a construção de uma cultura aberta às transformações. Essa perspectiva converge com o modelo da tríplice hélice de Etzkowitz (2004), que enfatiza a cooperação entre universidade, governo e setor produtivo como motor de uma inovação educacional fundamentada na valorização do conhecimento e no impacto social das práticas acadêmicas.

Nesse cenário, a aprendizagem ultrapassa os limites da sala de aula física e passa a configurar-se como um processo contínuo, acessível e multimodal. Tais práticas ampliam o alcance da educação e favorecem a construção de competências técnicas e socioemocionais, como pensamento crítico, comunicação, empatia e resolução de problemas complexos — atributos indispensáveis para a formação de profissionais preparados para contextos sociais e profissionais em constante transformação.

O papel do professor também se ressignifica nesse processo. Mais do que transmissor de conteúdos, o docente assume a função de mentorar a aprendizagem, promovendo a autonomia discente e estimulando a construção colaborativa do conhecimento. Para que isso seja efetivado, é indispensável investir em programas de formação continuada, bem como disponibilizar recursos pedagógicos que possibilitem a integração crítica e criativa de tecnologias digitais e metodologias ativas no cotidiano acadêmico. O professor, portanto, ao mentorar o aluno, permite que a inovação ocorra a partir de seu planejamento, tornando o aluno um construtor da aula consigo.

Além disso, a inovação institucional demanda a criação de espaços de diálogo permanentes entre estudantes, docentes e gestores, de modo a assegurar que a transformação pedagógica seja resultado de um movimento coletivo. Conselhos participativos, fóruns acadêmicos e pesquisas institucionais podem subsidiar práticas mais democráticas, permitindo que diferentes vozes contribuam para o aperfeiçoamento dos processos formativos e para a construção de uma cultura institucional mais aberta à mudança.

Por fim, é necessário reconhecer que a sustentabilidade das inovações educacionais depende de políticas institucionais consistentes e de apoio estrutural contínuo. Sem a garantia de investimentos em infraestrutura, acesso às tecnologias e valorização docente, as práticas inovadoras correm o risco de se tornarem superficiais ou fragmentadas. Assim, a cultura de inovação só se consolida quando a instituição assume o compromisso de articular políticas, práticas pedagógicas e recursos de forma integrada e permanente, fortalecendo o vínculo entre ensino, pesquisa e extensão.

Tabela 2 – Inovação na Avaliação – O que fazer e como aplicar em sala

O QUE FAZER	COMO FAZER (Aplicação Prática em Aula)
Dinamizar avaliações tradicionais centradas apenas na memorização	- Reduzir o uso exclusivo de provas escritas; - Substituir questões fechadas por questões dissertativas e contextualizadas; - Integrar conteúdo interdisciplinar nas avaliações.
Adotar avaliações formativas e contínuas	- Realizar feedbacks semanais ou quinzenais (escritos ou orais); - Utilizar rúbricas claras de avaliação por competência para guiar o processo;
Incluir portfólios digitais como instrumento avaliativo	- Criar portfólios em plataformas como Padlet, Google Sites ou Canva Docs com registros de aprendizagem, reflexões e produções dos estudantes; - Solicitar evidências de evolução ao longo do semestre (vídeos, textos, imagens, áudios).
Utilizar projetos colaborativos como forma de avaliação	- Propor desafios práticos em grupo, como análise de casos ou campanhas de saúde mental; - Avaliar com base em critérios como cooperação, criatividade, aplicabilidade e pesquisa.
Incluir práticas de autoavaliação e avaliação entre pares	- Aplicar questionários reflexivos no final de cada unidade (ex: “O que aprendi?”, “Como me envolvi?”); - Realizar rodas de conversa reflexivas com mediação docente; - Incluir avaliações anônimas entre colegas, com base em critérios definidos em conjunto.
Promover uma visão abrangente e equitativa da aprendizagem	- Avaliar não só o resultado final, mas também o processo de aprendizagem, o esforço e o desenvolvimento pessoal; - Permitir diversidade de formas de entrega (podcast, vídeo, apresentação oral, texto etc.).

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2025)

No entanto, a inovação pedagógica também enfrenta inúmeros obstáculos. Barreiras como a resistência institucional às mudanças, lacunas na formação docente e desigualdade no

acesso às tecnologias precisam ser enfrentadas de maneira consistente, a fim de garantir que as transformações sejam sustentáveis, efetivas e inclusivas. É indispensável que políticas públicas e institucionais acompanhem esse movimento, assegurando equidade no acesso aos recursos digitais, à conectividade e à infraestrutura necessária para que a inovação não se restrinja a iniciativas isoladas, mas se consolide como prática integrada às rotinas acadêmicas. Isso requer um compromisso institucional e não somente do professor. Inovar academicamente vai além de práticas disciplinares, requer políticas de inovação claras e eixos basilares que comprometam os docentes de maneira segura. Há, ainda, neste cenário, uma realidade mercadológica voltada à competição e não para a equidade.

Além dessas barreiras, destaca-se o desafio da mudança cultural nas instituições de ensino, que muitas vezes reproduzem modelos tradicionais de ensino baseados na transmissão de conteúdos. Transformar essa mentalidade exige tempo, engajamento coletivo e estratégias que envolvam toda a comunidade acadêmica. Nesse sentido, a criação de espaços de diálogo, programas de formação contínua e incentivos à experimentação pedagógica podem favorecer a adesão de professores e estudantes a práticas mais inovadoras, diminuindo resistências e fortalecendo uma cultura de inovação colaborativa.

Por fim, a inovação no ensino da Psicologia — e na educação como um todo — deve ser compreendida não como uma tendência passageira, mas como uma necessidade estratégica. A adoção de metodologias ativas e a exploração do potencial das tecnologias digitais não apenas aprimoram a experiência educacional, mas também contribuem para a formação de profissionais mais preparados para os desafios contemporâneos. Como enfatiza Imbernón (2016), inovar na educação significa repensar o próprio sentido do ensinar e aprender, promovendo uma formação mais humana, inclusiva e alinhada às complexidades do século XXI.

Ensino de Psicologia na Era Digital

A consolidação da educação na era digital representa uma mudança paradigmática no ensino em geral e, em particular, no ensino de Psicologia. Impulsionada pela incorporação crescente de tecnologias e metodologias pedagógicas ativas, essa transformação exige a revisão de modelos tradicionais, a fim de formar profissionais capazes de enfrentar os desafios de uma sociedade em constante mutação. Para Imbernón (2016), inovar não se limita à adoção de

ferramentas digitais, mas demanda a reestruturação ampla das práticas pedagógicas, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, interativo e centrado no estudante. Nesse contexto, o ensino de Psicologia pode tornar-se mais dinâmico, flexível e engajador, favorecendo experiências formativas mais eficazes.

A integração de tecnologias digitais amplia as possibilidades educacionais ao superar barreiras físicas e criar novas formas de produção do conhecimento. No entanto, seu uso deve estar ancorado em fundamentos pedagógicos sólidos. A perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (2001) evidencia o papel da mediação e da interação social na construção do saber, princípios que encontram respaldo no uso de recursos digitais voltados à colaboração e inclusão. De forma complementar, Freire (2013) propõe uma concepção emancipadora e dialógica, contribuindo com base filosófica para o que denominamos de inovação pedagógica, na qual o estudante é protagonista da própria aprendizagem. Para isso, buscamos em Bacich, Tanzi e Trevisani (2015) os caminhos didáticos para uma abordagem em metodologias ativas, como aprendizagem baseada em projetos, estudos de caso e fóruns interativos, em que a tecnologia atua como mediadora da construção crítica e compartilhada do conhecimento.

Essas práticas também contribuem para reduzir desigualdades, ao viabilizar modalidades remotas e híbridas que ampliam o acesso à educação superior. Ferramentas como inteligência artificial, softwares acadêmicos e recursos de acessibilidade digital permitem maior inclusão e personalização das trajetórias formativas. Contudo, essa transformação requer a reconfiguração do papel docente: o professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdos para assumir a função de mediador da aprendizagem, o que implica domínio técnico, sensibilidade pedagógica e competências socioemocionais. Para Imbernón (2016), a verdadeira inovação depende de mudanças institucionais e de investimentos em formação continuada, que possibilitem ao docente integrar tecnologias e metodologias de maneira crítica e qualificada.

Nesse processo, a avaliação também precisa ser ressignificada. Modelos tradicionais, centrados na memorização, mostram-se insuficientes para ambientes educacionais inovadores. Alternativas como portfólios digitais, projetos colaborativos e autoavaliações permitem valorizar o percurso formativo, reconhecendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, manejo clínico e relacionais. Paralelamente, a pesquisa educacional torna-se essencial para validar e aprimorar tais práticas, gerando evidências sobre seus impactos.

Além disso, a adoção de tecnologias digitais no ensino de Psicologia abre espaço para a experimentação de novas linguagens pedagógicas, como realidade aumentada, gamificação e ambientes imersivos, que favorecem o engajamento e a simulação de situações práticas do campo profissional. Essas inovações, quando aplicadas de forma crítica, permitem que o estudante vivencie experiências próximas à realidade de sua atuação, fortalecendo a articulação entre teoria e prática.

Outro aspecto relevante é a necessidade de integrar ética e cidadania digital ao processo formativo. A utilização de plataformas, redes e dados no ensino demanda reflexões sobre privacidade, segurança da informação e responsabilidade no uso das tecnologias. Trabalhar tais dimensões no ensino de Psicologia é indispensável para formar profissionais capazes de atuar de maneira consciente e ética em uma sociedade cada vez mais mediada pelo digital.

Assim, a inovação no ensino de Psicologia deve ultrapassar a modernização tecnológica e assumir-se como mudança estrutural nos modos de ensinar e aprender. A formação de futuros profissionais precisa integrar competências técnicas, clínicas e relacionais — como empatia, resiliência e pensamento crítico — fundamentais ao exercício ético e humanizado da Psicologia. Atividades interativas, simulações e debates virtuais contribuem para tornar o processo formativo mais contextualizado, reflexivo e conectado às demandas sociais.

Com base nas contribuições de Imbernón (2016) e Freire (2013), compreende-se que o ensino da Psicologia na era digital exige a articulação entre inovação tecnológica e compromisso pedagógico. A combinação entre metodologias ativas e recursos digitais fortalece a formação crítica e reflexiva, promovendo uma educação transformadora, inclusiva e alinhada às exigências do Século XXI.

Metodologias Ativas para o Ensino de Psicologia

No contexto atual do Ensino Superior, as metodologias pedagógicas assumem papel central na reconfiguração dos processos de ensino-aprendizagem. Partimos do pressuposto que inovar significa mais do que inserir tecnologias digitais: trata-se de promover mudanças estruturais na forma como o conhecimento é produzido, compartilhado e ressignificado. Nessa perspectiva, as metodologias ativas despontam como estratégias indispensáveis para uma aprendizagem dinâmica, participativa e centrada no estudante, condição essencial diante das

transformações sociais e tecnológicas que marcam o Século XXI.

Ao romper com o modelo tradicional de transmissão unidirecional de conteúdos, as metodologias ativas priorizam práticas que colocam o estudante como sujeito ativo na construção do saber. Conforme destacam Bacich, Tanzi e Trevisani (2015), tais abordagens estimulam a aprendizagem pela experiência prática, pela resolução de problemas e pela colaboração.

A teoria sociocultural de Lev Vygotsky (2001) oferece suporte para compreender a eficácia dessas práticas, ao destacar que o aprendizado se dá pela mediação de instrumentos culturais e pela interação social. Estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e o Team-Based Learning (TBL) favorecem, nesse sentido, o desenvolvimento de competências profissionais cruciais, como pensamento crítico, empatia e tomada de decisão. Complementarmente, Paulo Freire (2013) defende uma educação emancipadora e dialógica, em que o estudante é protagonista de seu percurso formativo. A incorporação de tecnologias digitais nesse processo amplia as oportunidades de interação e contextualização, transformando a educação em espaço de construção coletiva e de engajamento social.

A aplicação de metodologias inovadoras no ensino da Psicologia também fortalece competências como empatia, escuta ativa, comunicação assertiva e capacidade de decisão, indispensáveis ao exercício profissional em contextos clínicos, organizacionais e institucionais. Para que isso se concretize, a formação docente torna-se um eixo fundamental. Como salienta Imbernón (2016), a inovação requer mudança cultural: o professor precisa assumir o papel de mediador e facilitador da aprendizagem. A formação continuada, aliada à oferta de recursos pedagógicos atualizados, garante que os docentes integrem, de forma crítica e consciente, novas metodologias e tecnologias ao seu repertório didático.

Pesquisas como as de Morosini e Fernandes (2014) reforçam essa relevância ao evidenciar o impacto das metodologias ativas na formação de professores e estudantes de Psicologia, especialmente por sua capacidade de tornar o ensino mais engajador, contextualizado e responsivo às necessidades reais dos alunos. Além disso, ferramentas digitais, como laboratórios virtuais e plataformas de aprendizagem adaptativa, possibilitam trajetórias formativas mais flexíveis, personalizadas e inclusivas.

Outro aspecto decisivo é a interdisciplinaridade. Ao integrar diferentes áreas do saber,

o ensino da Psicologia amplia sua capacidade de compreender e intervir em fenômenos complexos, preparando os estudantes para atuar em cenários que exigem múltiplas perspectivas. Projetos interdisciplinares e práticas híbridas fortalecem a articulação entre teoria e prática, estimulando o pensamento crítico, a criatividade e a inovação.

Nesse movimento, a formação em Psicologia ganha a oportunidade de consolidar-se como um processo crítico, ético e humanizador, em sintonia com uma sociedade plural, digital e interconectada. As contribuições de (Blasius, 2021) reforçam essa perspectiva ao propor estratégias práticas para a implementação de metodologias inovadoras, destacando a importância de ambientes de aprendizagem colaborativos, criativos e inclusivos. Assim, ao adotar metodologias ativas e integrá-las criticamente às tecnologias digitais, o ensino de Psicologia não apenas potencializa o desempenho acadêmico, mas também contribui para uma educação superior mais democrática, transformadora e comprometida com a justiça social.

Um dos grandes potenciais das metodologias ativas no ensino de Psicologia é a possibilidade de articular teoria e prática desde os primeiros períodos da formação. Ao invés de restringir a aplicação prática aos estágios finais, atividades baseadas em casos clínicos simulados, oficinas interativas e laboratórios virtuais permitem que os alunos desenvolvam habilidades profissionais progressivamente, criando um percurso formativo mais integrado e coerente com as exigências do campo.

Por fim, é importante destacar que a adoção de metodologias ativas no ensino da Psicologia exige um redesenho curricular que vá além da simples inserção de novas práticas. É preciso repensar o próprio papel do curso, as formas de avaliação e os espaços de aprendizagem, construindo um ecossistema educacional mais aberto, inclusivo e interdisciplinar. Somente assim será possível consolidar um modelo formativo capaz de preparar profissionais críticos, éticos e inovadores, alinhados aos desafios contemporâneos da profissão.

Resultados e Discussões

A inovação pedagógica, quando articulada ao uso crítico das tecnologias digitais, constitui um marco transformador no ensino de Psicologia, redefinindo a formação de futuros profissionais frente às demandas complexas da contemporaneidade. O cenário educacional atual exige a superação de modelos tradicionais e a adoção de práticas que promovam uma

aprendizagem dinâmica, crítica e reflexiva. Como observa Imbernón (2016), a verdadeira inovação não se restringe à introdução de recursos tecnológicos, mas implica mudanças estruturais na forma de produzir, compartilhar e ressignificar o conhecimento, em sintonia com as novas exigências sociais e profissionais.

Nesse processo, as metodologias ativas assumem papel central. Inspiradas em autores como Paulo Freire (2013) e o próprio Imbernón (2016), essas abordagens enfatizam o protagonismo discente e a interação social como eixos da construção do saber. A substituição de modelos expositivos por práticas participativas — como aprendizagem baseada em projetos, estudos de caso e simulações — favorece experiências mais engajadoras e contextualizadas. As ferramentas digitais potencializam esse movimento ao ampliar o acesso, flexibilizar o processo formativo e diversificar os espaços de aprendizagem. Contudo, como alerta Imbernón (2016), sua integração deve estar orientada por fundamentos pedagógicos sólidos, assegurando que promovam a autonomia, o pensamento crítico e a colaboração.

A formação docente emerge como fator decisivo para consolidar essa transformação. A inovação pedagógica só se concretiza quando professores estão preparados para atuar como mediadores da aprendizagem, o que demanda investimento contínuo em desenvolvimento profissional docente, troca de experiências e atualização de práticas pedagógicas (Imbernón, 2016). Além disso, a efetividade das mudanças requer planejamento curricular estruturado, no qual a adoção das tecnologias e metodologias ativas esteja articulada a objetivos pedagógicos claros. Nesse contexto, torna-se igualmente necessário rever os processos avaliativos, substituindo práticas centradas na memorização por instrumentos formativos que valorizem o percurso do estudante, como projetos, autoavaliações e portfólios digitais.

O desafio, entretanto, vai além da sala de aula e alcança a própria cultura institucional. A consolidação da inovação depende de investimentos em infraestrutura tecnológica — como plataformas de aprendizagem e conectividade —, mas também da promoção de um ambiente acadêmico que valorize a experimentação, a colaboração e a compreensão do erro como parte do processo formativo. Esse movimento converge com a necessidade de reconfiguração estrutural das instituições, transformando-as em espaços mais flexíveis, interdisciplinares e conectados com a sociedade.

Outro resultado observado refere-se à ampliação do acesso e da inclusão proporcionados

pela educação digital. Modalidades híbridas e remotas, quando planejadas de maneira crítica, favorecem a democratização do Ensino Superior, possibilitando que estudantes de diferentes contextos geográficos e sociais participem ativamente do processo formativo. Essa realidade é particularmente relevante para a Psicologia, pois amplia a diversidade de experiências e vivências discutidas em sala, enriquecendo a formação acadêmica e profissional. Ainda, é necessário refletir que há desigualdades postas no acesso às tecnologias e ao ensino, uma vez que nem sempre alunos e Instituições, conseguem emergir com totalidade no ambiente digital. Cabe ressaltar que ou por acesso regional ou por dificuldade financeira, ainda temo vozes que necessitam ser ouvidas enquanto política pública e institucional.

Constata-se também que a adoção de metodologias ativas fortalece a integração entre teoria e prática. No ensino de Psicologia, estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e o uso de simulações clínicas virtuais permitem que os estudantes se apropriem do conhecimento teórico enquanto desenvolvem competências essenciais para a prática profissional.

Além disso, os resultados apontam para a necessidade de uma reconfiguração no papel do professor, que passa a assumir múltiplas funções: mediador, facilitador, orientador e pesquisador. Essa transformação exige não apenas domínio técnico das ferramentas digitais, mas também sensibilidade pedagógica para identificar os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem dos estudantes. O fortalecimento de competências técnicas e relacionais como comunicação e escuta qualificada, torna-se igualmente indispensável para que o docente conduza experiências formativas mais humanizadoras.

Por fim, destaca-se que a inovação pedagógica no ensino da Psicologia não pode ser encarada como prática isolada, mas como um processo contínuo e coletivo, que requer engajamento institucional, políticas educacionais de apoio e compromisso ético com a formação de profissionais críticos e reflexivos. Conforme enfatiza Imbernón (2016), o ensino do futuro precisa articular tecnologia, metodologias ativas e compromisso humanizador, construindo ambientes colaborativos e transformadores. Conclui-se, portanto, que a consolidação desse modelo demanda não apenas recursos, mas, sobretudo, a construção de uma cultura educacional pautada na inovação, na inclusão e na responsabilidade social.

Considerações Finais

A análise realizada ao longo deste trabalho evidenciou que a inovação pedagógica, quando articulada de maneira crítica às tecnologias digitais, representa não apenas uma tendência, mas uma necessidade estratégica para o ensino contemporâneo, em especial na formação em Psicologia. O estudo demonstrou que inovar na educação vai além da simples introdução de recursos tecnológicos: trata-se de repensar práticas pedagógicas, promover metodologias ativas e construir processos de aprendizagem que valorizem o protagonismo discente, a colaboração e a reflexão crítica.

Constatou-se que as metodologias ativas, apoiadas em referenciais como Imbernón (2016), Freire (2013) e Vygotsky (2001), fortalecem a integração entre teoria e prática, estimulando competências técnicas e socioemocionais indispensáveis à atuação profissional em Psicologia. Paralelamente, a incorporação de tecnologias digitais possibilita ampliar a inclusão, a acessibilidade e a personalização do ensino, potencializando a construção de experiências formativas mais significativas e democráticas. Esses elementos são especialmente relevantes em uma sociedade marcada pela rapidez das transformações e pela complexidade dos desafios contemporâneos, que exigem profissionais criativos, críticos e comprometidos com o exercício ético da profissão.

Outro ponto central refere-se ao papel do docente, que deixa de ser mero transmissor de conteúdos para assumir a função de mediador da aprendizagem. Essa transição exige investimento em formação continuada, revisão curricular e políticas institucionais que assegurem infraestrutura adequada e apoio à experimentação pedagógica. Reconhecer o professor como agente de transformação educacional é fundamental para a consolidação da inovação, uma vez que ele é responsável por articular metodologias, recursos digitais e estratégias humanizadoras em ambientes de aprendizagem cada vez mais diversos e desafiadores.

Cabe destacar também que a inovação pedagógica demanda mudanças culturais nas instituições de ensino superior. A promoção de ambientes colaborativos, a valorização da interdisciplinaridade e a flexibilização dos currículos configuram-se como medidas indispensáveis para consolidar práticas mais inclusivas e engajadoras. Além disso, políticas institucionais devem assegurar o acesso equitativo às tecnologias, reduzindo desigualdades e ampliando as oportunidades de aprendizagem para diferentes perfis de estudantes.

Outro aspecto relevante está relacionado à avaliação da aprendizagem. Modelos tradicionais, baseados na memorização e em provas formais, mostram-se insuficientes diante das novas exigências formativas. Avaliações processuais e formativas, como projetos interdisciplinares, portfólios digitais e autoavaliações, revelam-se mais eficazes para valorizar o percurso de aprendizagem e estimular a autonomia discente. Dessa forma, o processo avaliativo deixa de ser apenas um momento de verificação e passa a constituir um espaço de reflexão e de crescimento contínuo.

Por fim, conclui-se que a inovação no ensino da Psicologia deve ser compreendida como um processo contínuo e integrado, que exige engajamento de todos os atores envolvidos: professores, estudantes, gestores e instituições. A articulação entre tecnologia, metodologias ativas e compromisso humanizador permite vislumbrar um modelo educacional mais inclusivo, crítico e transformador, capaz de responder aos desafios do século XXI e formar profissionais preparados para atuar com ética, sensibilidade e competência em contextos cada vez mais complexos. Ao reafirmar a centralidade da inovação pedagógica, este estudo reforça a necessidade de que as universidades avancem em direção a práticas educacionais mais democráticas, colaborativas e comprometidas com a transformação social.

Referências

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BLASIUS, Debal. *Metodologias Ativas no Ensino Superior: o protagonismo do aluno*. [S. l.]: Penso, 2021.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CHRISTENSEN, Clayton M.; EYRING, Henry J. **A universidade inovadora: mudando o DNA do ensino superior de fora para dentro**. São Paulo: HSM, 2013.

CLARK, Burton R. **Criando universidades empreendedoras: caminhos organizacionais de transformação**. Brasília: UNESCO, 1998.

ETZKOWITZ, Henry. The Triple Helix of University-Industry-Government: A Laboratory for Knowledge Based Economic Development. **Journal of the Triple Helix Association**, v. 1, n. 1, p. 4-27, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
IMBERNÓN, Francisco. **Inovação educacional no ensino do futuro**. Porto Alegre: Penso, 2016.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa (Orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania**: aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. A Qualidade da Educação Superior e o Complexo Exercício de sua Avaliação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 57, p. 315-344, 2014.

SLAUGHTER, Sheila; LESLIE, Larry L. **Academic capitalism**: politics, policies, and the entrepreneurial university. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Trabalho original publicado em 1934).

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Submissão em: 03/09/2025.

Aceito em: 26/01/2026.

Citações e referências
conforme normas da:

